

Conhecemo-nos pela história

por António Souto

«Acabámos com os bilheteiros porque já não temos a «caderneta». «Caderneta indígena». E eram os bilheteiros quem passava as cadernetas aos Indígenas, aos autóctones, aos nativos... Será possível que estes pormenores não fiquem gravados nas vossas memórias?» — perguntou o Presidente Samora Machel quando durante a reunião com os comprometidos dialogava com um «ANP».

Ao longo dos dois dias primeira parte desta reunião, que em breve prosseguirá, surgiam a todo o momento pormenores como este. O Chefe do Estado seguia o relato da trajectória de compromisso de cada um, reconstruía o ambiente em que essa trajectória se desenvolveu, por vezes questionava sobre um ou outro aspecto aparentemente sem importância e que o comprometido não havia mencionado.

Finalmente, interrompia o relato e sorria. O conjunto dos detalhes meramente factuais apresentados pelo comprometido, ou que, Samora Machel, com breves perguntas exlgrira, surgia agora como um todo.

O que o comprometido havia dito da sua trajectória, com franqueza ou desonestidade, com consciência ou ignorância do significado do detalhe que relatava ou camuflava era interpretado pelo Chefe do Estado.

O que até aí constituía uma fastidiosa exposição de factos por parte do comprometido, ou interessante apenas pelo que ela tinha de incrível e curioso, transformava-se pela intervenção do Presidente da República numa atitude de satisfação por termos compreendido não apenas aquela trajectória específica de compromisso, mas também e sobretudo por adquirirmos uma nova perspectiva, mais profunda e real da nossa própria história.

O Chefe do Estado interrompia o relato, sorria e mostrava onde começava realmente o compromisso. Os muitos factos desligados surgiam agora como as peças de um puzzle encaixadas apresentando um quadro histórico preciso.

Alguns dos comprometidos ao verem a sua trajectória apresentada a nu, sem as roupagens das justificações, hesitavam em aceitá-la tal como era, apesar ainda pelos mesmos esquemas de pensamento que os tinha conduzido à traição.

Outros agradeciam esta interpretação, acrescentavam mais um ou outro aspecto, revelando um salto qualitativo na tomada de consciência necessária para a sua libertação.

O destilar destes quadros históricos bem precisos dava uma forma e conteúdo real ao que em cada um dos intervenientes linha conduzido ao compromisso. A assimilação, a ambição, a discriminação, a humilhação e muitas outras facetas da sociedade colonial deixavam de ser conceitos teóricos que definem uma situação política e sócio-cultural.

Na vivência do cidadão que foi bilheteiro vimos como através da «caderneta indígena» ele humilhava os seus compatriotas e era humilhado pelos colonizadores. Para ele, ser bilheteiro, foi apenas um acidente sem importância na sua trajectória.

O que lhe interessava era o facto de o senhor Souza que era goês e funcionário das Finanças lhe ter proposto a inscrição na ANP. Aparentemente estava a querer ser sincero.

Ignorava (?) porém, que era a sua posição de bilheteiro e de funcionário público na administração civil que lhe dava o passaporte necessário para poder entender-se «amigavelmente» com o Souza das Finanças.

Ignorava que a facilidade como aceita tal compromisso lhe advém da sua posição intermédia entre o colonizador e o colonizado, posição em que não deixa de ser humilhado, mas também humilha. O cartão da ANP surge-lhe assim como o passaporte para se afastar de uns e se aproximar de outros.

No diálogo que leva a esta conclusão o Presidente Samora Machel mostra-lhe que o primeiro passo do compromisso começa de facto quando ele assume as funções de bilheteiro. O cartão da ANP é apenas a consequência.

Ao longo dos dois dias de reunião repetem-se quase tantas vezes quantos os comprometidos que intervêm a capacidade do Presidente Samora Machel de, através do diálogo pôr verdadeira-mente a nu a trajectória real.

O pormenor de um preto, como Fumane, receber dois mil escudos nos finais dos anos 50, se não fosse a observação do Chefe do Estado passaria como uma situação de sorte. Porém

ela é imediatamente ligada a outros pormenores e serve de ponte para se desmontar toda uma teia de compromissos.

Ser-se da ANP e membro do chamado Conselho Económico e Social entre os anos 64 e 67 pouco nos diz. Contudo, ao ouvir esta breve passagem do relato de um dos comprometidos, o Presidente Samora Machel interrompe e observa:

«Esse período foi de intensa actividade anti-Frelimo. Nesses



anos clam-se emissoras especificamente destinadas a fazer a propaganda contra a luta de libertação.

Prossegue e define uma série de características das forças em jogo nesse período. Mostra assim a responsabilidade desse comprometido. Leva-o a tomar consciência não apenas do seu real comprometimento, como também da tática colonial que levou

ao envolvimento de alguns moçambicanos entre os quais o comprometido em causa.

Dado o elevado número, é impossível e desnecessária uma citação exaustiva dos exemplos que poderíamos extrair da reunião dos comprometidos para transmitir o modo como ela constituiu uma lição em que se ganhou uma perspectiva mais real e concreta da nossa história. Uma história feita por homens, não apenas como os que estavam naquela sala, mas por todos os homens.

Os exemplos dados mostram-nos no entanto algo mais do que a realidade da história, subjacente a conceitos teóricos que definem de modo abstracto situações políticas e sócio-culturais vividas por todo o Povo moçambicano.

E esse algo mais é o que nos parece decisivo nesta lição de história. Trata-se das condições que tornam possível um diálogo consequente para a elaboração de quadros históricos precisos em que sob um complexo jogo de forças se desenvolve a trajectória de cada um, seja ela de traição ou de heroísmo.

Se ao dialogar com os comprometidos o Presidente Samora Machel os pôde ajudar a compreender a sua verdadeira trajectória deve-se ao seu profundo conhecimento e vivência da história do nosso Povo.

E isto apenas é possível com uma profunda sensibilidade para a contradição colonizado-colonizador e a evolução desta contradição. Apenas um conhecimento rigoroso do desenvolvimento da Luta de Libertação Nacional torna possível compreender o sentido exacto de uma certa atitude do colonizador. Apenas um completo domínio dos mecanismos da alienação permite detectar as forças que movem o colonizado para o compromisso.

E se os diálogos permitem pôr a nu a trajectória do comprometido, é pelo conhecimento da nossa história. Mais do que ajudar os comprometidos a tomarem consciência dos seus reais compromissos para assim se libertarem, o Presidente Samora Machel deu uma lição da importância de conhecermos a nossa história.

E esta lição é tanto mais importante porque se dirige não apenas aos que estavam na plateia daquela sala, mas também a todos nós que vivemos situações políticas e sócio-culturais cujas consequências ao nível das nossas próprias mentalidades têm de ser definidas com precisão. E isso só se consegue com um conhecimento rigoroso da nossa história que nos habilite a inserirmo-nos com rigor em cada momento do processo de transformação da sociedade para que possamos conhecer quem somos.

Comprometidos
22/5/82